

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

INICIAÇÃO, DESEJO E SEXUALIDADE NOS CONTOS: “PRIMEIRAS VEZES” E
“AMORA”, DE NATALIA BORGES POLESSO

RIO DE JANEIRO

2023

YNGRID DA SILVA ANTONIO

INICIAÇÃO, DESEJO E SEXUALIDADE NOS CONTOS: “PRIMEIRAS VEZES” E
“AMORA”, DE NATALIA BORGES POLESSO

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na Habilitação
Português/Literaturas

Orientador: Prof. Dr. Renan Ji

RIO DE JANEIRO

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a todas as mulheres que vieram antes de mim, pois por conta das suas lutas que hoje estou aqui.

Ao meu orientador, Renan Ji, pelo auxílio, pelo cuidado e pelo incentivo no processo da monografia.

À minha avó Cenira que não pôde ver eu me formar, mas que foi a minha primeira professora e exemplo de mulher forte e batalhadora. Espero que daí de cima possa estar espiando tudo.

Aos meus pais, Lucinéia e Jorge, por sempre estarem comigo, pelos incentivos e pelo apoio em todas as minhas decisões e escolhas. Não seria nada sem a educação, afeto e amor de vocês.

À minha prima, irmã de pais diferentes e melhor amiga, Bianca, por estar comigo em todos os momentos sendo a minha parceira e confidente. 400 quilômetros não são o suficiente para nos separar.

Ao meu melhor amigo Christian, que desde o primeiro dia de aula do Ensino Médio nunca mais fez eu me sentir sozinha.

Aos meus amigos que conquistei ao longo da graduação, Beatriz, Laura, Maria Rita, Crístian, Maria Júlia, Larissa e, em especial, a Amanda, que compartilhou comigo muitos momentos engraçados e sofridos no 410t. Ser baixadense não é fácil, amiga, sabemos bem.

A toda minha família que não teve a oportunidade de fazer o ensino superior.

Para todos os crias da Baixada Fluminense.

A todas nós mulheres.

A todas nós que amamos outras mulheres.

RESUMO

Os contos “Primeiras vezes” e “Amora”, de Natalia Borges Polesso, retratam uma questão muito presente na sociedade: a busca por autoconhecimento e por identidade. Entender os gostos, os desejos e a sexualidade são tópicos recorrentes nos mais variados textos dentro da literatura. No entanto, a partir de uma perspectiva sáfica, os contos nos levam para questões existenciais ligadas à sexualidade e à afetividade feminina. Este trabalho pretende analisar como a iniciação, o desejo e sexualidade são representados nos dois contos mencionados de Polesso, além de trazer um panorama sobre como tais aspectos são mencionados e desenvolvidos, a partir da história de luta feminista e lésbica e, ainda, à luz da psicologia e da sociologia. Tendo como base os estudos de gênero e sexualidade, pretende-se verificar como os gêneros e a sexualidade são multifacetados e partem de uma construção sociocultural que privilegia as relações heteronormativas e a heterossexualidade compulsória.

Palavras-chave: Natalia Borges Polesso; Amora; Gênero; Sexualidade; Literatura sáfica.

ABSTRACT

The short stories "Primeiras vezes" and "Amora" by Natalia Borges Polesso portray a common issue in society: the pursuit of self-discovery and identity. Human preferences, desires, and sexuality are recurring topics in various literary texts. However, from a sapphic perspective, these stories delve into existential issues related to sexuality and feminine affectivity. This work aims to analyze how initiation, desire, and sexuality are portrayed in Polesso's aforementioned stories while providing an overview of how these aspects are represented and developed within the context of the history of feminist and lesbian's rights movement, as well as through the lenses of psychology and sociology. Based on gender and sexuality studies, this paper investigates how gender and sexuality are multifaceted and rooted in a sociocultural construction that privileges heteronormative relationships and compulsory heterosexuality.

Keywords: Natalia Borges Polesso; Amora; Gender; Sexuality; Sapphic literature.

*No teu cabelo negro brilham estrelas
cadentes, arredias.
Para onde irão elas
tão cedo, resolutas?
– Vem, deixa eu lavá-lo, aqui nesta bacia
amassada e brilhante como a lua*
Elizabeth Bishop.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 INÍCIOS: BREVE HISTÓRIA DO PENSAMENTO FEMINISTA E LÉSBICO.....	9
3 DE MULHER PARA MULHER: LITERATURA DE AUTORIA FEMININA.....	15
3.1 COMENTÁRIOS SOBRE A AUTORIA SÁFICA NO CENÁRIO NACIONAL.....	18
3.2 NATALIA BORGES POLESSO E <i>AMORA</i>	20
4 RITOS DE INICIAÇÃO, DESEJO E SEXUALIDADE.....	23
4.1 “PRIMEIRAS VEZES”.....	26
4.2 “AMORA”.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Os temas de gênero e sexualidade sempre perpassaram os meus escritos acadêmicos. Sempre me interessou trazer e levantar questões relacionadas às mulheres na sociedade. Dentre os temas a que mais me dediquei foram: o apagamento literário das mulheres, suas vivências em um sistema patriarcal e imposições sociais como a maternidade e a heterossexualidade compulsória. Identifico-me como parte dessa comunidade de mulheres que buscam ser as protagonistas das suas histórias dentre os impasses sociais, a partir daquilo que me toca, aflige e dá-me prazer. É necessário sempre ter em mente que falar sobre esses temas é entender que caminhos extensos foram trilhados até aqui e que houve diversas conquistas decisivas por mulheres que vieram antes de mim. Porém, apesar dos avanços, muito ainda necessita ser discutido e questionado.

A condição feminina foi e ainda é – embora esta ideia esteja ganhando cada vez menos força – ligada à maternidade, aos cuidados domésticos e familiares. Qualquer desvio dessa conduta socialmente imposta era vista com maus olhos perante a sociedade. O movimento feminista foi muito importante para questionar e mudar o curso da história, reivindicando maior participação feminina na política e na sociedade. Apesar de grandes conquistas – e devo muito a elas por hoje poder estar aqui escrevendo e finalizando mais uma etapa da minha educação –, temos, por outro lado, o movimento lésbico, que está inserido dentro do feminismo, mas que não desfruta de grande apoio. Isso nos traz alguns pontos interessantes para serem discutidos como: o que é ser mulher? Que mulher o feminismo representa? Qual a importância da diversidade e do lugar de fala?

Além disso, a literatura produzida por mulheres não teve o mesmo valor e reconhecimento como aquela produzida pelos homens – e homem, aqui, refiro-me ao homem branco, cis e hétero – dentro do cânone literário. Poucas foram as mulheres que ocuparam esse espaço na época em que viveram. Questões sociais, é claro, influenciaram para que a escrita feminina fosse vista como de menor valor e até mesmo para que a sua literatura não tivesse tanto espaço de criação, tendo em vista as condições de produção nas quais as mulheres se encontravam. Como pontua Virgínia Woolf (1928), a ausência de um “teto todo seu” faz com que as mulheres não tenham livre expressão nem tempo hábil para dedicar-se ao ofício da escrita.

Diante disso, a literatura é socialmente uma fonte com papel formador e transmissor da cultura, logo, trazer outras vozes é mostrar a amplitude e as múltiplas possibilidades de mundos para além dos retratados dentro do cânone literário. Trazer à luz obras como *Amora*,

de Natalia Borges Polezzo, é retomar espaços nos quais a literatura produzida por mulheres, mais especificamente obras que retratem o amor, o desejo, a sexualidade e as relações homoafetivas entre mulheres, sejam ocupados devidamente pelas suas vozes. Isso não quer dizer que essas vozes não existissem anteriormente, mas sim que foram duplamente apagadas – pelas condições estigmatizadas de mulher e lésbica – e só recentemente essas vozes têm sido aos poucos retomadas pela comunidade sáfica com muito empenho. Os contos de *Amora* retratam de forma sensível aspectos simbólicos da vida humana e das relações entre mulheres. Com temas que retratam a identidade, a solidão, o amor, os afetos e as descobertas, sendo esse último o tema central no qual desdobrarei a minha análise. A partir dos contos “Primeiras vezes” e “Amora”, as questões relativas à sexualidade, ao desejo e aos ritos de iniciação serão desenvolvidas com maior empenho, pondo em perspectiva as relações sáficas entre o prazer e o amor.

Para isso, a pesquisa contou com as contribuições das autoras feministas Judith Butler, Monique Wittig, Adrienne Rich e Tânia Navarro Swain para embasar a discussão a partir dos seus pensamentos crítico-teóricos acerca das questões de gênero e sexualidade ao longo da história do feminismo e da luta lésbica. Além disso, para o recorte sobre ritos de iniciação, utilizarei as pesquisadoras Luciana Karine de Souza, Sherri Nevada McCarthy e Cláudia Andrade, pautando-me em uma análise social e psicológica.

2. INÍCIOS: BREVE HISTÓRIA DO PENSAMENTO FEMINISTA E LÉSBICO

O feminismo foi, ao longo dos últimos séculos, tomando força e conquistando muitos dos espaços que, hoje, nós mulheres ocupamos. Iniciado em meados do século XIX e ao longo do XX, o movimento feminista reivindicava mais participação política, filosófica e social das mulheres. Questionava e ainda questiona o sistema patriarcal e toda a sua estrutura de desvalorização e submissão das mulheres, além de repensar os padrões estéticos e o prazer sexual feminino. Assim, esse movimento gera rupturas com a cultura sexista e com todas as imposições sociais advindas do patriarcalismo.

Embora tenha se solidificado e tomado força a partir do século XIX, as mulheres já apresentavam em várias partes do mundo movimentações e visões feministas, não sendo algo exclusivo ou nascido de forma repentina nesse período em específico. Ao longo da história, em particular a do Ocidente, diversas mulheres pagaram com a própria vida quando se rebelaram contra o patriarcado em busca de liberdade e questionaram as condições de vida às quais eram submetidas. A Inquisição realizada pela Igreja Católica é um exemplo de perseguição e punição às mulheres, quando essas fugiam ou desafiavam as normas.

Já no século XXI, o feminismo contemporâneo no Ocidente foi tomando diversas formas, contemplando novas ou ainda não discutidas especificidades das mulheres, à medida em que o próprio feminismo avançava. Passa-se, então, de um feminismo para “os” feminismos, com o intuito de ser mais plural e ir em busca de uma maior representatividade.

Assim como hoje algumas mulheres não se sentem contempladas por determinada corrente, recorte e/ou pensamento do feminismo, constata-se que no surgimento do movimento não havia espaço e nem voz para as mulheres que não viviam relações heterossexuais. Todas as mulheres eram vistas de forma universal, sem um recorte de classe, raça ou orientação sexual.

Dessa forma, as mulheres lésbicas foram deixadas de lado dentro do próprio movimento feminista, não tendo suas pautas e questões levadas em consideração. Tal fato fez com que elas não se sentissem inseridas por completo, embora, dentro da luta na qual estavam à frente, fossem uma das principais vozes a contribuírem teoricamente com ações políticas de reivindicações. As mulheres lésbicas e héteros se aproximavam na medida em que eram categorizadas como mulheres, mas enquanto vivências, realidades sociais e sexualidade, há entre os grupos pontos de oposição e de imbricação. As teorias em relação à lesbianidade são urdidadas à margem das teorias sobre sexualidade desenvolvidas pelo feminismo. Apenas por

volta dos anos 70, na segunda onda do feminismo no Estados Unidos, o pensamento lésbico teve mais força para questionar a normatização da heterossexualidade e a concepção do que é ser uma mulher.

A imagem da mulher lésbica arquitetada pelo senso comum gerava temor às mulheres héteros dentro do feminismo, que não queriam aparentar ser: “machonas”, “machorras”, “feiosas”, “masculinas”, “mal-amadas”, “frígidas”, entre tantos outros adjetivos de conotação negativa: “As lésbicas lembradas e reconhecidas como ‘antinaturais’, pois não estão à disposição dos homens e se recusam à posição de submissão a eles, foram marcadas pelo estigma de não serem ‘mulheres reais’ e, ao mesmo tempo, ‘quererem ser homens.’” (LESSA, 2007, p. 95). Tais associações à lesbianidade eram formas de desqualificar e deslegitimar o pensamento e as ações do feminismo, pois ao associar as mulheres heterossexuais às lésbicas de forma pejorativa, cria-se tal estereótipo, numa tentativa de afastar outras mulheres a se juntarem ao movimento e de desqualificá-lo como inferior. Passa a ser um desafio para todas as mulheres, então, integrar e trabalhar em conjunto sem reproduzir o pensamento errôneo em relação às mulheres lésbicas. Ao marginalizá-las e retratá-las de forma negativa, a sociedade reforça as normas heterossexuais e mantém a subordinação das mulheres em relação aos homens, impondo uma lógica de hierarquias de poder patriarcais e de controle social.

Ainda nos anos 70, Swain (2002) aponta como algumas feministas heterossexuais se sentiam em contradição e, por vezes, quase se desculpavam por relacionarem-se com homens tendo em vista a “avalanche de análises que demonstravam a violência implícita ou explícita da dominação, da apropriação dos corpos e da exploração sexual das mulheres em um mundo patriarcal” (SWAIN, 2002, p. 2). Muitas comunidades lésbicas ergueram-se e questões relacionadas à noção de “gênero” tornaram-se pautas importantes de questionamento do sistema patriarcal e da construção social do binarismo (homem e mulher). Nesse sentido, essas ações põem em discussão os papéis de gênero construídos a partir da natureza biológica do indivíduo, isto é, o que ditaria as regras do jogo na sociedade e como você seria identificado é a natureza da sua genitália. Atualmente, a crítica feminista reflete sobre categorias de sexo e gênero e suas representações no escopo social, questionando a naturalidade dessas questões impostas pelo binarismo.

Não pretendo aqui conceituar o que é o lesbianismo ou o que é ser lésbica. Assumo o tema como uma categoria política, assim como posto por Wittig (2022). Os escritos teórico-feministas voltados para questões de gênero e sexualidade, como os produzidos por Monique Wittig, trazem questionamentos sobretudo acerca do lesbianismo. Segundo a autora, “a lésbica não é uma mulher” (WITTIG, 1980), já que só é possível existir uma classificação de

“mulher”, quando essa é posta em oposição ao “homem”. Assim, a partir da imposição da heterossexualidade compulsória (RICH, 2010) – conceito que elucidarei melhor abaixo –, estar inserida dentro desse domínio é o que faz uma mulher ser mulher, logo uma lésbica não é uma mulher. Nesse sentido, para Wittig, ser lésbica é algo além do binarismo homem e mulher, pois foge desses engendramentos ao não estar dentro de uma relação heterossexual – sendo esta promotora do discurso opressor – e não estar dentro de uma relação de hierarquizações sexista. Ademais, para Wittig, ser lésbica não se resume somente a uma orientação sexual, mas a uma identidade política e social que desafia as normas heterossexuais e patriarcais.

O pensamento de Monique Wittig é expandido através da filósofa americana Judith Butler. A partir dos questionamentos da categorização “mulher”, da exclusão das lésbicas por não se enquadrarem dentro dessa classe e de como dizer-se lésbica é um ato revolucionário e de resistência a essa exclusão, Butler vai além ao questionar a categoria “gênero”, colocando-a também como uma construção social. Butler traz questionamentos entre “sexo” e “gênero”, além de abordar a teoria *queer*, tema revolucionário para época, pois questiona a categoria “as mulheres” como sujeito central do feminismo. Ao desenvolver tal teoria, Butler vai ao encontro da heterossexualidade obrigatória já antes teorizada por Adrienne Rich.

Para Rich, quando nascemos somos automaticamente inseridos em um sistema no qual a heterossexualidade é a norma, independentemente das nossas preferências sexuais. As instituições sociais como a religião, a família, a educação, a mídia e as ideologias são, para Rich, grandes promotoras dessa normatização, ao passo que excluem, inviabilizam e punem outras formas de sexualidade considerando-as desviantes do dito “correto”. A heterossexualidade é vista como algo natural e inerente ao ser humano, sendo assim inevitável, no entanto Rich argumenta que isso nada mais é do que um sistema patriarcal que se utiliza desses pensamentos para coibir e subalternizar os homossexuais, a fim de manter os seus próprios interesses patriarcais.

A suposição de que “a maioria das mulheres são heterossexuais de modo inato” coloca-se como um obstáculo teórico e político para o feminismo. Permanece como uma suposição defensável, em parte porque a existência lésbica tem sido apagada da história ou catalogada como doença, em parte porque tem sido tratada como algo excepcional, mais do que intrínseco. Mas, isso também se dá, em parte, porque ao reconhecer que para muitas mulheres a heterossexualidade pode não ser uma “preferência”, mas algo que tem sido imposto, administrado, organizado, propagandeado e mantido por força, o que é um passo imenso a tomar se você se considera livremente heterossexual “de modo inato. (RICH, 2010, p. 35)

A teoria de Rich sobre a heterossexualidade compulsória contribuiu para a compreensão de como a sociedade patriarcal impõe normas rígidas de gênero e sexualidade e como a resistência a essas normas pode ser uma forma de luta feminista. As análises de Rich nos mostram como as ideologias e as instituições sociais afetam a construção de nossa identidade sexual e como a luta feminista pode incluir a luta contra a compulsão heterossexual como parte de sua política de libertação das mulheres.

Ademais, partindo dos mesmos enquadramentos, porém indo além, a já mencionada Judith Butler põe em pauta as categorias “sexo” e “gênero”. Para a autora, ambas são construções sociais e culturais, e embora sejam de categorias distintas, elas estão profundamente relacionadas. O “sexo” (anatômico biológico) não é algo determinante para a classificação binária da heterossexualidade. Ao contrário, é uma categoria mutável que está, na verdade, ligada a funções sexuais dentro de uma lógica heterossexual do corpo. Logo, o sexo está inserido dentro de regras, valores e normas culturais da sociedade. Já o gênero, segundo Butler, está também ligado a questões sociais, porém se volta para os comportamentos, vestimentas e atitudes designados e padronizados dentro do esperado de um homem e uma mulher. Assim, o gênero seria a performance de padrões estabelecidos socialmente.

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. (Butler, 2022, p. 27)

A atribuição do sexo é uma forma de exercer controle sobre o corpo e a sexualidade dos indivíduos enquanto a imposição das normas de gênero é uma forma de limitar a liberdade individual e manter as hierarquias sociais. Butler defende que é preciso subverter as categorias de sexo e gênero, fazendo um processo de “desnaturalização”, mostrando como elas são construções políticas e culturais que podem ser subvertidas e questionadas. Nesse sentido, a visão de Butler de subversão das categorias de sexo e gênero é fundamental para a luta pelos direitos das pessoas LGBTQIAP+ e para a construção de uma sociedade mais igualitária e livre das opressões de gênero.

A autora afirma que a subversão do gênero é uma forma de resistência política que pode contribuir para a transformação das normas e valores que regem a vida em sociedade. Assim, dialoga com Monique Wittig, quando esta diz que “a lésbica não é uma mulher”.

Tanto Butler quanto Wittig nos mostram que ser lésbica é um ato político que foge das amarras heterocentradas, é uma tentativa de fugir das relações pautadas exclusivamente no homem, as quais colocam a mulher sendo apenas um apoio, estando em estado de subalternização.

Fala-se de conceitos como a troca de mulheres, a diferença entre os sexos, a ordem simbólica, o Inconsciente, Desejo, Cultura, História, dando um significado absoluto a estes conceitos, quando são apenas categorias fundadas sobre a heterossexualidade, ou sobre um pensamento que produz a diferença entre os sexos como um dogma político e filosófico. (Wittig, 1992, p. 3)

Wittig argumenta em suas obras que as lésbicas não são apenas mulheres que amam outras mulheres e sim pessoas que desafiam e subvertem as normas de gênero e sexualidade nas quais a sociedade patriarcal se pauta. Wittig ainda diz que as relações gays não podem ser colocadas dentro das mesmas categorias que as mulheres, como se o simples fato de amarem/desejarem/se relacionarem sexualmente com pessoas do mesmo gênero fizesse com que pertencessem a um único grupo. Ao contrário, a autora afirma que as vivências e opressões são diferentes, pois não há dentro das práticas e pensamentos gays uma tentativa de subversão e ruptura com os ideais heterocentrados e patriarcais, pois dois homens ainda se beneficiam dos privilégios de ser homem, mesmo que sejam desmerecidos ou subalternizados pelas representações e marcas associadas ao “feminino”. Assim, o homem gay pode facilmente ser cooptado pelo patriarcado e pelo machismo estrutural, reproduzindo e invisibilizando as mulheres lésbicas e suas relações romântico-afetivas, mesmo que não o faça de forma proposital. Desse modo, a partir de uma utopia política, Wittig constrói um pensamento que preza pela quebra do contrato heterossexual e da instituição de relações livres de classificações binárias de gênero.

Portanto, Judith Butler, Monique Wittig e Adrienne Rich trazem importantes contribuições para o movimento feminista e lésbico ao pensarem em uma reclassificação e desnormalização de categorias discutidas de forma superficial e naturalizada. A teoria da heterossexualidade compulsória, desenvolvida por Adrienne Rich, contribuiu para a compreensão de como a sociedade patriarcal impõe normas rígidas de gênero e sexualidade, afetando a construção da identidade sexual das mulheres. Além disso, as teorias de Wittig e Butler questionam as categorias de sexo e gênero, mostrando que são construções sociais e culturais que podem ser subvertidas e questionadas. Para uma abordagem que vai além das ideias iniciais do feminismo, as suas vozes são importantes e potentes para o movimento lésbico e *queer*, justamente por trazerem pautas que reverberam e estão em curso até hoje.

3. DE MULHER PARA MULHER: LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

O apagamento feminino dentro da historiografia é um fato: nós não éramos vistas como sujeitos portadores de direitos em sua totalidade. As contribuições das mulheres dentro dos mais diversos campos (artes, literatura, ciência, política, entre outros) foram invalidadas e não reconhecidas, isso quando não atribuídas como um feito de algum homem. Quantas mulheres não foram representadas de forma sexualizada e/ou submissa, sendo retratadas como fracas, loucas, histéricas, em diferentes épocas? Presentes dentro dos livros como meras coadjuvantes e seres inferiores aos homens, quantas mulheres tiveram o seu protagonismo ocultado através de narrativas de homens brancos que delimitaram as linhas da história e deram mais espaço para seus iguais, apagando ao máximo os rastros de figuras femininas importantes dentro desse percurso? A história não é uma narrativa objetiva e neutra, mas sim uma relação que se amplia e se refaz a todo momento. A destruição de registros e a deturpação das memórias dessas mulheres por vieses ideológicos, sexistas e de disseminação de um discurso dominante fizeram com que o retrato que temos da figura feminina tenha sido, por muito tempo, deturpado por uma visão majoritariamente masculina.

A política do silêncio é a melhor aliada da política do esquecimento, e as imagens de mulheres hoje produzem e reproduzem características de fragilidade, dependência, incapacidade física e mental, consideradas “naturais” até a eclosão do feminismo contemporâneo. As que se destacam o fazem “apesar de serem mulheres” ou por serem “tão capazes quanto um homem”. (SWAIN, 2004, p. 26)

É importante ressaltar também que o apagamento histórico das mulheres é agravado pela falta de acesso à educação. Em várias partes do mundo, não era permitido o ingresso de mulheres à escola ou a algum tipo de espaço para educação formal, logo, elas não eram alfabetizadas. A privação do saber ler e escrever foi um importante aliado do patriarcado, pois a falta de acesso ao mundo letrado impossibilita registros escritos, favorecendo o silenciamento feminino e marginalização das suas vozes. Quando o acesso à educação foi se tornando mais presente no cotidiano feminino, ainda era algo praticamente exclusivo para as mulheres brancas e de classes econômicas mais favorecidas, o que nos mostra desdobramentos de um apagamento histórico feminino que implica várias questões outras além do gênero.

As pesquisas históricas têm se dedicado a recuperar os feitos e as contribuições das mulheres. Os movimentos feministas têm lutado para reescrever a narrativa histórica de forma

mais inclusiva e precisa. Tratando-se, então, da mulher lésbica que foge dos engendramentos heterossexuais, muito menos registros são encontrados, sendo especialmente raros aqueles produzidos pelas próprias mulheres e não pelo olhar de uma lógica de desejo do homem. A história é descrita a partir não só de uma perspectiva masculina, mas também heterocentrada, o que resulta em uma negligência das produções teóricas, literárias, políticas, artísticas e críticas de mulheres que resistem aos imperativos da norma. Sobre esse aspecto, Adrienne Rich (1993) sinaliza que:

A destruição de registros, memória e cartas documentando as realidades da existência lésbica deve ser tomada seriamente como um meio de manter a heterossexualidade compulsória para as mulheres, afinal o que tem sido colocado à parte de nosso conhecimento é a alegria, a sensualidade, a coragem e a comunidade, bem como a culpa, a autonegação e a dor. (RICH, 2010, p. 36)

Confirmando a lógica heteronormativa, silenciar e recriminar tudo aquilo que foge da norma é o melhor mecanismo para excluir aos poucos, como se tais existências nunca tivessem antes existido. Lessa (2007) aponta, juntamente com as contribuições de Swain, que:

Para Navarro-Swain (2000: 26), há muitos sentidos expressos no silêncio que a história busca impor sobre a temática da lesbiandade, pois a política do silêncio é a melhor aliada da política do esquecimento. Não é dito, logo não é lembrado; não é lembrado, não existe, ou, quando suas existências são lembradas, os sentidos que lhes imprimem são sentidos negativos: as lesbianas são relegadas à aberração, vistas como homens incompletos ou mesmo como o avesso da verdadeira mulher. A representação da mulher como submissa ao macho é quebrada na relação homoafetiva entre mulheres, pois o masculino é aqui excluído; sua posição de superioridade, torna-se, então, sem sentido. As lesbianas representam uma quebra à ordem naturalizada da heterossexualidade dominada pelo masculino. Segundo a autora, "apaga-se ou se destrói o que não interessa à moral, às convicções, aos costumes, à permanência de tradições e valores que são dominantes em determinada época" (NAVARRO-SWAIN, 2000: 15). (LESSA, 2007, p.17) ¹

A autoria feminina decerto foi um problema a ser enfrentado tanto para as mulheres heterossexuais como para as sáficas. É difícil identificar ao certo quando tivemos os primeiros escritos feitos por mulheres, pois a escrita e a literatura possuem raízes antigas e complexas. Porém, um dos grandes nomes citados dentre os períodos históricos de que se tem registro é Safo, poetisa grega e geralmente considerada a criadora da poesia lírica, e natural da Ilha de Lesbos, nome que etimologicamente deu origem ao termo “lésbica”. Ou seja, a primeira mulher de que se tem registro de autoria na história é uma mulher que enalteceu o amor com outras mulheres. Todavia, muito pouco se sabe sobre a sua biografia de fato. Além de Safo,

¹ As citações (2000: 26) e (2000: 15) correspondem ao texto *O que é lesbianismo*, de Tânia Navarro Swain, publicado em 2000, e cuja edição de 2004 consta nas referências bibliográficas.

muitas outras mulheres, certamente, escreviam, no entanto, essas escritas se perderam, foram deixadas de lado ou ainda não foram descobertas pelos pesquisadores. Da Ilha de Lesbos até a retomada da voz feminina na literatura, parece ter havido o mais profundo silêncio em relação às possíveis herdeiras de Safo.

Estranhos intervalos de silêncio parecem separar um período de atividade de outro. Numa ilha grega, houve Safo e um pequeno grupo de mulheres, todas escrevendo poesia seiscentos anos antes do nascimento de Cristo. Mas as mulheres se calaram. (WOOLF, Virgínia, 2019, p.10)

Foi apenas a partir do século XVIII, com a crescente influência dos movimentos de igualdade de gênero e o advento da imprensa moderna, que mais mulheres começaram a ser reconhecidas como escritoras e a ter suas obras publicadas em maior escala. Porém, o “bum” da ficção produzida por mulheres começa a partir do século XIX, devido às relativas melhorias nas condições de vida, na educação e nas pequenas conquistas adquiridas com o tempo. Tratando-se especificamente da literatura produzida por mulheres sáficas no cenário internacional, destacam-se Elizabeth Bishop, Virgínia Woolf, Audre Lorde, Emily Dickinson e Alice Walker.

Está claro assim que a extraordinária explosão de ficção no começo do século XIX na Inglaterra foi prenunciada por inumeráveis pequenas mudanças nas leis, nos costumes e nas práticas sociais. As mulheres do século XIX tinham algum tempo livre e certo nível de instrução. Escolher o próprio marido não era mais uma exceção, só para mulheres das classes altas. E é significativo que, das quatro grandes romancistas mulheres – Jane Austen, Emily Bronte, Charlotte Bronte e George Eliot –, nenhuma teve filhos e duas se casaram. (WOOLF, Virgínia, 2019, p.11)

No Brasil, o movimento lésbico, assim como a autoria lésbica/sáfica, encontra grandes dificuldades acerca das delimitações e narrações que proporcionem uma continuidade histórica. “Falar de mulheres na história já é complicado, falar de lesbianismo é quase um crime” (SWAIN, 2004, p. 31.), pois a clandestinidade e a invisibilidade de mulheres sáficas tornam difícil encontrar produções acadêmicas que se debrucem sobre o movimento lésbico no Brasil de forma a ter um panorama com menos fissuras, contradições e discordâncias. Nesse panorama, foi ainda mais árduo trazer as vozes das pesquisadoras mulheres, sejam hétero, lésbicas ou bissexuais, que trataram dessa temática no campo da literatura. A autoria literária voltada para a temática lésbica/sáfica só começa a ter alguma notoriedade, embora de forma marginalizada e dentro de um ciclo intelectual muito específico, por volta do final do século XX, somente após muita movimentação e militância feminista / LGBTQIAP+ nos anos

precedentes. Autoras começam a emergir e expressar suas vivências e experiências, narrando com as suas próprias percepções e vozes a temática lésbica no campo da literatura brasileira.

3.1 COMENTÁRIOS SOBRE A AUTORIA SÁFICA NO CENÁRIO NACIONAL

Na história da literatura brasileira, a autoria lésbica teve seu início com Cassandra Rios. Ela foi a primeira mulher lésbica a trazer a temática da lesbianidade dentro da literatura, porém utilizava o pseudônimo Odete Rios, provavelmente, como uma tentativa de se preservar perante uma sociedade que não se mostra receptiva até hoje com as pessoas LGBTQIAP+. Com sua voz marcante, Cassandra traz representações das relações amorosas entre mulheres, da sexualidade e do erotismo feminino de forma natural, subversiva e quebrando tabus, desafiando completamente as convenções da época. Foi alvo de muitas críticas e censuras, pois boa parte dos seus livros foram publicados no período de maior repressão política e social: a Ditadura Militar (1964 -1985). Seu primeiro livro a ser lançado foi *A volúpia do pecado* aos 16 anos de idade em 1948, seguido de mais de 40 livros com personagens homossexuais, dentre os quais diversos foram censurados, recolhidos e até mesmo queimados publicamente a partir de 1962, por serem considerados “ímorais” e “obscenos”. A censura era uma prática comum na época, especialmente em relação a livros que abordavam temas considerados tabus, como a sexualidade feminina e as relações lésbicas. Todavia, a autora vendeu mais de 1 milhão de exemplares, sendo a primeira escritora a conquistar tal feito, superando vários autores renomados da época como, por exemplo, Érico Veríssimo. Mesmo assim, Cassandra Rios não tem até hoje o devido reconhecimento dentro de um meio literário canônico e tradicionalista, justamente por ser mulher, abertamente lésbica e autora de uma literatura considerada inferior.

Dentro desse espaço literário privilegiado que exclui aqueles que não se enquadram dentro dos seus ideais, somente algumas pessoas têm a possibilidade de expressão. Cassandra Rios, embora fosse excluída desse meio, continuava produzindo literatura, porém como diz Dalcastagnè, alguns nem sequer chegam a ter a possibilidade de fala, pois sentem-se incapacitados por uma visão da literatura que não abarca o seu modo de fazer literatura:

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de “literatura” exclui suas formas de expressão. Assim, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros. (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 20)

Cassandra Rios é o principal nome resgatado pelo movimento lésbico que retrata a temática dos amores entre mulheres de forma mais aberta, sem rodeios e panos cobertos. Lygia Fagundes Telles, embora falando de um outro lugar, também se destaca por trazer durante esse período temas que dialogam com as relações sáficas, mesmo que de forma ambígua e indireta. As suas personagens possuem desejos, sentimentos platônicos e questões identitárias homoafetivas como, por exemplo, nos seus livros *As meninas* e *Ciranda de Pedra*. A partir de Cassandra Rios, outras autoras puderam ganhar espaço e notoriedade na literatura brasileira.

Nos últimos anos, observa-se um aumento na publicação de obras literárias que retratam a experiência lésbica no Brasil, ampliando as vozes, as vivências, as percepções e as experiências sáficas. Os estudos literários também têm se dedicado a tratar questões relativas à representação, à representatividade e à voz daquele que fala. Autoras tanto da prosa como da poesia têm retratado as relações sáficas e a sexualidade, além de também denunciar a misoginia, o preconceito e a lesbofobia. Dentre elas, destaco Angélica Freitas, Ryane Leão, Maria Isabel Iorio e Natalia Borges Polessio. Assim, como pontua Dalcastagnè:

[...] cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. Ou seja, eles se tornam mais conscientes das dificuldades associadas ao lugar da fala: quem fala e em nome de quem. Ao mesmo tempo, discutem-se as questões correlatas, embora não idênticas, da legitimidade e da autoridade (palavra que, não por acaso, possui a mesma raiz de “autoria”) na representação literária. Tudo isto se traduz no crescente debate sobre o espaço, na literatura brasileira e em outras, dos grupos marginalizados – entendidos, em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério. (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 20)

É importante sinalizar que o mercado editorial também tem se transformado e crescido. Outros formatos de publicação de textos têm se tornado mais amplos e com inúmeras possibilidades digitais, tanto pagas como gratuitas. Além disso, há a possibilidade de financiamentos coletivos e editoras independentes, o que foge dos engendramentos das editoras tradicionais. Assim, autoras lésbicas têm conquistado espaços e têm ganhado reconhecimento, tanto dentro do mercado editorial tradicional quanto por meio de publicações independentes e plataformas online. Essa diversidade de canais de publicação tem permitido uma maior diversidade de vozes e narrativas no cenário literário lésbico.

Dentro desse contexto, é possível destacar alguns temas e abordagens presentes na literatura sáfica. Muitas obras exploram a construção da identidade lésbica e o processo de

autodescoberta das personagens, abordando as dificuldades enfrentadas, o processo de aceitação, a relação com a sociedade e a família. A questão da representatividade é uma preocupação constante, com autoras buscando criar personagens lésbicas diversas em recortes de raça, classe social e idade. Outro tema frequente é a afetividade e os relacionamentos lésbicos, desde o flerte e a paixão até os desafios enfrentados nos relacionamentos, como a aceitação mútua, o preconceito e a violência. As autoras buscam expressar as complexidades e nuances dos relacionamentos lésbicos, bem como as alegrias e os desafios de se amar e construir uma vida a dois. Questões sociais e políticas, como a homofobia, a discriminação, os direitos LGBTQIAP+ também são abordados, assim como a luta por igualdade e o ativismo.

Desse modo, a escrita das mulheres sáficas busca conscientizar e engajar os leitores, além de oferecer representações positivas, em oposição ao histórico de representações da infelicidade e dos castigos enfrentados pelas personagens lésbicas dentro da literatura. Por isso, com uma diversidade de temas, estilos literários e perspectivas, essas obras têm contribuído para a representatividade, o empoderamento e a ampliação do diálogo sobre identidade, afetos, desafios e lutas enfrentadas pelas mulheres lésbicas no Brasil.

3.2 NATALIA BORGES POLESSO E *AMORA* (2015)

Natural de Caxias do Sul, estado do Rio Grande do Sul, Natalia Borges Polesso é uma entre as várias vozes da literatura lésbica nacional da atualidade. Nascida em 1981, Polesso é formada em Jornalismo e Letras, além de ser doutora em teoria literária. Ela já possui, apesar do pouco tempo como escritora, um pequeno-grande repertório de livros publicados, dentre eles *Amora* (2015), vencedor do prêmio Jabuti em 2016 na categoria de contos/crônicas. Natalia também publicou: *Recortes para álbum de fotografia sem gente* (2013) – seu livro de contos de estreia no mundo literário e vencedor do Prêmio Açorianos; *Controle* (2019); *Corpos secos* (2020) – romance em parceria com outros autores e vencedor do prêmio Jabuti de 2021; e o seu primeiro romance solo: *A extinção das abelhas* (2021). Já *Coração a corda* (2015) e *Pé atrás* (2018) são suas investidas no campo da poesia. As suas obras, em sua grande maioria, destacam personagens sáficas no seu cotidiano, vivendo seus amores, descobertas e experiências.

Além da sua produção literária, Polesso também é ativista LGBTQIAP+ e participa de eventos, palestras e debates sobre literatura, identidade e diversidade. Seu trabalho tem contribuído para ampliar o diálogo sobre a representatividade e a inclusão das vozes lésbicas na literatura brasileira contemporânea. Ademais, a autora tem uma vasta produção acadêmica, na qual se dedica também em certa medida aos estudos sáficos. Destaco o seu trabalho

nomeado como *Geografias lésbicas* (2018), no qual faz um mapeamento da produção nacional e internacional de mulheres lésbicas ao longo da história.

Dentre as suas obras, *Amora* ganhou bastante notoriedade nos últimos anos e, por ter sido premiada, adquiriu certa visibilidade dentro de um meio literário mais “tradicional” etambém na crítica especializada. No livro, a autora revela, através de uma linguagem simples e muitas vezes informal, as complexidades das relações romântico-afetivas entre mulheres. Ela nos faz mergulhar em suas histórias de profunda intimidade, descobertas e sentimentos através das suas protagonistas exclusivamente femininas. Com 21 narrativas curtas, as diversas facetas dos relacionamentos amorosos são exploradas a partir da perspectiva lésbica. Os contos abordam temas como amor, desejo, descoberta da sexualidade, aceitação, preconceito, solidão, relacionamentos familiares e a busca pela identidade. O livro divide-se em duas partes: “Grandes e sumarentas” com narrativas um pouco mais extensas, uma desenvoltura maior dos personagens e dos espaços que ocupam; e a segunda parte, nomeada de “Pequenas e ácidas”, com narrativas poéticas bem curtas.

A palavra “Amora” foi pensada como feminino de “amor”, dentro de uma linguagem mais coloquial, forma carinhosa de chamar uma mulher querida, tal como diz Polesso no prefácio:

Minhas amigas se chamam de amora. É assim: amora, vamos no cinema hoje à noite? Gostou do café, amora? Que horas vocês vêm aqui em casa, amoras? Amoras tenho uma pra contar. Depois, eu descobri que isso era comum. Amigas e namoradas se chamam de amora. (POLESSO, 2022, p. 11)

Repleto de contos um tanto quanto autobiográficos, como a própria autora já deixa claro também no prefácio, *Amora* retrata as experimentações sáficas a partir de uma ótica da leveza e da espontaneidade. *Amora* como fruta ácida e doce, marcante onde encosta.

É importante pontuar que, apesar de *Amora* ter ganhado o prêmio Jabuti, a autora relata, no prefácio da 2ª edição do livro em 2022, que ele não teve grande repercussão na grande mídia tradicional. Nem quando foi publicado, nem quando foi premiado. Não houve resenhas e comentários, os que tiveram foram bem “tímidos” ou “esquisitos”, como a própria autora descreve, sem nem sequer mencionar seu nome. Não é de se estranhar que o livro de uma mulher lésbica narrando o amor entre outras mulheres lésbicas, bissexuais e pansexuais, ou de forma mais ampla, sáficas, não seja mencionado ou muito pouco comentado por grandes veículos de informação, pois é de fato uma arquitetura para não se dar visibilidade a

tais temáticas. A autora pontua a existência de dois “diferentes mundos”, pois foi através da internet, do “boca a boca”, que *Amora* se fez grande e tem crescido pouco a pouco.

Ademais, um dos temas que frequenta de forma direta ou indireta boa parte das narrativas é o da iniciação. Seja ela a iniciação sexual, a iniciação do desejo, do amor, da identidade ou até mesmo das iniciações não tão positivas como a do preconceito familiar e social – os inícios são marcas presentes em boa parte dos contos, embora alguns ritos sejam mais marcados e mais perceptíveis do que outros. *Amora* narra a pluralidade das relações sáficas em diferentes perspectivas, sejam elas de idade, espaços e configurações amorosas. Busca romper com o padrão heteronormativo obrigatório por meio dos seus amores entre mulheres acontecendo ao acaso.

Através de uma poética intimista e uma escrita descomplicada, Polesso envolve seu leitor em uma viagem pela afetividade lésbica, entre os ditos e não-ditos, entre os amores das Amoras. “Amora é a minha vida. É vida das minhas irmãs, das minhas sapatas e bissexuais, das minhas amigas entendidas, das impossibilitadas de assumir, das enrustidas, das minhas amoras livres, das velhas, das amadas, das crianças viadas.” (POLESSO, 2022, p. 13)

4. RITOS DE INICIAÇÃO, DESEJO E SEXUALIDADE

Os ritos de passagem ou iniciação consistem em momentos marcantes e/ou importantes na vida de um indivíduo, mas que são institucionalizados socialmente de modo universal ou podem também ser mais específicos de uma determinada sociedade. Os ritos são processos culturais e sociais determinados de forma direta ou indireta pelos indivíduos como, por exemplo, a primeira vez que o bebê anda, a ida pela primeira vez à escola, o primeiro beijo, o início da adolescência, o início da vida adulta, a primeira relação sexual, o casamento, entre tantos outros momentos de mudança de um estado inicial para algo novo sendo experienciado pela primeira vez. São convenções estabelecidas socialmente, mas também são reflexos de uma determinada época, o que pode gerar mudanças com o passar do tempo.

Entretanto, alguns ritos de passagens acabam sendo comuns e mais valorizados, principalmente, nas sociedades ocidentais, enquanto outros são mais universais como, por exemplo, o casamento. Rangel (1999) pontua essas diferenças entre as sociedades com outra construção hierárquica:

O que é ser homem, mulher, cidadão, trabalhador? Para que se forme o ser social, as sociedades dispõem grandes esforços e a questão ocupa uma dimensão bastante significativa na vida em comum. Nas sociedades estratificadas, os adultos não serão somente homens e mulheres; serão cidadãos, com maior ou menor poder de interferência política, exercerão profissões variadas, terão poder aquisitivo diferenciado em consequência de pertencer a uma determinada classe social, como é o caso, por exemplo, nas sociedades capitalistas. Já em sociedades não estratificadas em classes, os adultos serão homens e mulheres em pleno exercício de suas funções sociais, produtivas e reprodutivas. Entre os povos indígenas que vivem em território brasileiro, por exemplo, pode-se dizer, de forma genérica, que o modelo de sociabilidade está baseado, de um certo ponto de vista, em uma correspondência entre o ciclo da vida e as funções e papéis exercitados pelos indivíduos. Desse modo as etapas etárias - infância, maturidade e velhice - equivalem a posições sociais bem definidas. (RANGEL, 1999, p. 147)

De acordo com Souza e McCarthy (2010), não só questões sociais estão em jogo nos ritos de passagem, mas também questões acerca do desenvolvimento, realização e consolidação da identidade social e individual do sujeito, sobretudo tratando-se do período entre o fim da adolescência e a iniciação para o status de adulto. Diversos pesquisadores, de acordo com as autoras, têm mapeado nos últimos anos os processos de ritos de iniciação em diversas partes do mundo, tal como Pais (2009), Arnett (2001), Rogoff (2005), Erikson (1968/1976), Lamas e Rench (1999) e Scott (2001), entre outros. No entanto as concepções de cada estudioso são as mais diversas, tanto as abordagens quanto os recortes.

Nesse sentido, ainda segundo Souza e McCarthy (2010), tratando-se da sociedade brasileira, é difícil identificar os ritos de passagem, pois pouco se tem estudos sobre o caso. Elas ainda dizem que na contemporaneidade os ritos de iniciação são, no geral, ainda mais complexos no quesito delimitação, porque hoje, por exemplo, muitos jovens e adultos não passam pelo rito de iniciação universal da saída da casa dos pais. Muitos ainda seguem morando com eles, já que possuem certa liberdade. Todavia, ressalto que tal ponto se torna muito comum e fundamental quando se trata de filhos LGBTSQIAP+, pois esses, em muitos casos, precisam sair de casa, isso quando não são expulsos, por serem quem são. Nesse ponto, a realidade muda um pouco de figura, porém os estudos das autoras não abarcam tal recorte.

Ainda sobre as delimitações dos ritos de passagem, Andrade (2010) diz que tais impasses são causados por um prolongamento dos estudos dos jovens e uma exigência maior de habilidades específicas para o mercado de trabalho. Tais pontos estão intimamente relacionados, pois o aumento de investimento em educação faz com que entrem também mais tardiamente na esfera trabalhista. Assim, possuem uma dependência financeira, residencial e emocional dos familiares durante esse período. Todavia, mais uma vez é importante pontuar que isso é o retrato de uma classe muito específica, pois as classes economicamente desfavorecidas exigem, por exemplo, que os indivíduos busquem trabalho mais cedo ou ainda que tenham que escolher entre o trabalho e os estudos.

O rito de iniciação da sexualidade é o principal marcador de rito de passagem da adolescência para a vida adulta, como exposto por Brêtas (2008) em sua pesquisa no estado de São Paulo. Podemos pensar que tal aspecto torna-se um marcador de transição já que persiste o mito pautado no senso comum, que atrela a virilidade ao homem e as mudanças do corpo em relação à mulher, isto é, eles se tornam “mais homens” ou “mais mulheres” após a concepção do ato sexual, logo, tornam-se também mais adultos. No entanto, é importante ressaltar que há diferenças sociais no tratamento das mulheres e homens, pois embora a mulher hoje tenha mais autonomia sexual e mais direitos sobre o seu próprio corpo, isso não é algo totalmente bem-visto perante uma parte da sociedade mais conservadora e moralista. Com base em preceitos cristãos, existe um tabu, uma moralidade, uma dominação do corpo feminino, segundo os quais a relação sexual só pode acontecer após o casamento. Segundo essa visão, só é permitido ter apenas um único parceiro sexual durante toda a vida, enquanto os homens podem usufruir da sua sexualidade de forma livre e sem julgamentos.

O corpo feminino começa a ser sexualizado desde o início do despontamento dos seios na adolescência e essas mudanças físicas precisam ser escondidas ao máximo para não despertar o “desejo masculino incessante”. Tais mudanças físicas devem ser resguardadas

para um momento único, especial, romântico, de entrega a um único parceiro na idade ideal e no momento propício: o casamento. O mito do rompimento do hímen e o fazer-se a passagem de “moça” para mulher ainda é um dos principais fomentadores do pensamento controlador dos corpos femininos. A virgindade tem um papel simbólico e medidor de caráter dentro de algumas sociedades, mesmo as ditas mais avançadas. Sobre isso Carla Pinsky (2016), ao falar do livro *História da virgindade* (2012) de Yvone Knibiehler (2012), diz:

Embora as jovens possam dispor de sua virgindade, a liberdade sexual e a valorização das escolhas pessoais trazem consigo novos problemas. Deixar de ser virgem é ainda no século XXI um rito, triunfal ou angustiante. Diante da grande variedade de experiências, levando a crer que a subjetividade pesa hoje muito mais do que antes, Knibiehler confronta dados gerais (como a média de idade na primeira relação sexual) com testemunhos pessoais que confirmam a pressão masculina e familiar interferindo nas “escolhas”, a submissão às prescrições médicas, os efeitos colaterais dos contraceptivos, as dificuldades em reportar um estupro, e os riscos (como a gravidez indesejada). Além disso, certos grupos religiosos fazem releituras da virgindade, colocando-a num pedestal, abominando as não virgens e, como efeito colateral, fazendo proliferar na França os atestados médicos de virgindade e as cirurgias de reconstituição de hímen (PINSKY, 2016, p. 1017)

A sexualidade feminina é até hoje controlada por uma sociedade machista, patriarcal e misógina. Dentro de uma lógica heterossexual, o prazer está ligado diretamente a penetração e a satisfação total do seu parceiro, tendo seus desejos, vontades e gozo alheios de si. A violência também é uma marca desse rito de iniciação, infelizmente, para muitas mulheres, pois algumas são tiradas da sua infância e violentadas de forma cruel e criminoso. Na comunidade LGTQIAP+, mas não somente nela, temos também em alguns casos o início da vida sexual marcado pela triste violência doméstica como, por exemplo, através de estupros parentais, de vizinhos ou amigos de familiares. No caso das mulheres lésbicas, estupros corretivos para “se tornar mulher” são manchas violentas deixadas em seu corpo físico e no seu psicológico.

Sendo assim, dado que a sexualidade e o prazer femininos já são vistos como algo inferior perante a sociedade, quando falamos das relações sexuais entre mulheres o status de sexo não é sequer considerado, porque é visto apenas como uma troca de carícias. Como dito por Swain (2000), “o genital é apenas uma parcela do encontro amoroso” (p.83), porém o ato sexual, segundo um pensamento heterocentrado, gira em torno do órgão genital do homem e da penetração, logo dentro dessa lógica a ausência desses elementos faria com que o sexo entre mulheres não seja tão válido como o sexo entre um homem e uma mulher. Por isso, as relações sexuais entre mulheres em muitos casos são inferiorizadas e desconsideradas quando categorizadas como “primeira vez”, sofrendo mais uma vez o processo de apagamento.

Desse modo, os ritos de passagem podem ser através da literatura um importante mecanismo de representação e subversão da realidade. A literatura pode corroborar, corromper e/ou tensionar questões instauradas pelo senso comum e/ou institucionalizadas socialmente, como podemos ver nos contos de Natalia Borges Polezzo, no livro *Amora*. Neles, observamos as representações dos ritos de iniciação e como eles são abordados e desenvolvidos pela autora, possibilitando questionar e encontrar visões alternativas para os processos de iniciação da sexualidade, sobretudo dentro do recorte trazido pela autora, a saber, a ótica da homossexualidade feminina.

4.1 “PRIMEIRAS VEZES”

“Primeiras vezes” é o conto que abre o livro *Amora* (2015) de Polezzo. Colocado no plural, o título já traz uma espécie de síntese do que veremos ao longo do conto e nas narrativas que o sucedem, tendo em vista que o livro traz diferentes formas de descobertas e iniciação. No conto, temos uma narradora que descreve os pensamentos, sentimentos e angústias da personagem, essa não nomeada na narrativa, talvez, para gerar o efeito de retratar uma experiência universal que pode envolver qualquer menina adolescente. No geral, vários contos da obra possuem personagens não nomeadas, sobretudo, as protagonistas. O conto tem o recorte específico da adolescência e a narração se passa em 3ª pessoa. O início da narrativa se dá com a personagem indignada com a sua categoria de “virgem”, ela tem dezessete anos e está no auge da puberdade, mas ainda não iniciou a vida sexual, embora invente mentiras para os seus colegas que sim, já fez sexo. A narradora diz que a protagonista já criou tantas mentiras sobre não ser virgem que já nem se recorda das próprias histórias:

Não aguentava mais aquilo de ser virgem. Dezessete anos e parecia um pecado. Estava cansada de mentir para as colegas sobre como tinha sido sua primeira vez. Cansada. Já não lembrava qual era a verdade da mentira que tinha contado e agora adicionava fatos aleatórios. (POLESSO, 2022, p. 35)

Nas linhas que sucedem é narrado um possível ritual/preparativo para esse momento dado como especial no imaginário da personagem: “Estava tocando 4 Non Blondes. Eu estava usando uma calcinha verde. Comemos batata frita.” (POLESSO, 2022, p. 35), ou seja, esse momento de rito teria certos detalhes que correspondem aos ideais e valores da protagonista. Alguns ritos de iniciação como o da primeira experiência sexual, o primeiro beijo, o do casamento, da noite de núpcias entre tantos outros, são dotados de preparativos e expectativas individuais para o momento de concretização. No caso específico da iniciação sexual, muito

mais expectativas e idealizações são geradas e incentivadas socialmente em relação às mulheres, pois se tem toda uma romantização dessa experiência presente tanto na literatura como nos filmes, nas novelas, nas séries, entre outros meios.

O conto segue narrando algumas especificidades do espaço no qual a personagem está inserida. Ela estava no terceiro ano noturno de uma escola pública comum que ficava perto de vários bares, onde os alunos às sextas-feiras cabulavam aula para se divertirem. Em uma dessas noites, ela conhece Luís Augusto Marcelo Dias Prado, quem seria rápida e brevemente seu namorado.

Mais três sextas-feiras e estavam namorando. O que sentia por ele era inversamente proporcional à sua nota em física. Era ruim em física. Era boa em gostar dele. Contudo, tinha uma coisa. Aliás, duas: a mentira da não virgindade e o assunto nunca tocado. (POLESSO, 2022, p. 37).

A última linha nos revela dois pontos importantes para o suceder da narrativa. O primeiro é que ela não contou a Luís que era virgem. O segundo é que, antes de conhecê-lo, algo importante aconteceu: o “assunto nunca tocado”.

Oito sextas-feiras antes de conhecer Luís, a protagonista esteve com Letícia, uma colega da escola, e esse momento lhe trouxe uma revelação que só posteriormente entenderia. No sofá da casa de Letícia, começaram a falar sobre muitos assuntos e confessar outros:

No sofá da casa dela, comentaram sobre Mandala, a bichinha do terceiro ano; e depois sobre o lugar em que ela fazia shows; e depois sobre a possibilidade de um dia ir até lá; e depois sobre a explosão das lésbicas da novela no shopping; e depois sobre como o mundo era bizarro; e depois sobre como não podiam controlar esses sentimentos; **e depois sobre como ela tinha vontade de beijar a boca vermelha de Letícia; e depois sobre como Letícia gostaria que aquilo acontecesse desde que o Vitor estivesse junto.** (POLESSO, 2022, p. 37 – grifos meus)

O trecho grifado nos revela um desejo da personagem em relação à sua colega. Desejo esse que teve antes, mas reprimiu por um possível medo de ser algo errado:

Aquilo tinha se enraizado intensamente nas suas sensações diárias. A boca vermelha de Letícia. Os pensamentos há anos presos num lugar escuro da cabeça, agora soltos em palavras. Palavras que foram parar na cabeça de Letícia. Nunca tinha confessado essas coisas a ninguém (POLESSO, 2022, p. 37).

Nesse outro trecho vemos o receio da personagem, pois nunca tinha confessado a ninguém seu desejo, por mais que ele estivesse ali “num lugar escuro da cabeça”. A afetividade lésbica é colocada no lugar da não naturalidade, do errado. As mulheres são ensinadas a controlar os seus impulsos, a esconder e não alimentar os seus desejos eróticos e

sexuais. Não é permitido alimentar vontades, sobretudo, quando esses impulsos são direcionados a outras mulheres. Aliás, tais sentimentos não são sequer mencionados para não serem incitados. Por isso, quando são advindos de um lugar da não heterossexualidade, eles são duplamente negados e apagados:

Uma sexualidade problemática, uma recusa do corpo e de seus prazeres, não é mais comum entre as lesbianas que entre as mulheres heterossexuais, como tantas vezes se pretende. [...] e as meninas e as mulheres aprendem a controlar, a disciplinar, a negar os seus desejos e seus corpos em nome da moral e dos bons costumes, e toda lésbica foi um dia uma menina. Uma vez anulados o desejo e a paixão, alega-se que não os possuem. (SWAIN, 2004, p. 83)

Após o ocorrido com Letícia, a personagem conheceu Luís e, rapidamente, começou a namorá-lo. “Nunca tinha confessado aquilo a ninguém, e, durante todas as sextas-feiras que se seguiram até o dia em que foi para a casa de Luís Augusto Marcelo Dias Prado, **parecia que jamais as tivesse confessado.**” (POLESSO, p. 37 - grifos meus), ou seja, a protagonista seguiu como se nada tivesse acontecido, não considerando válidos aqueles desejos. De acordo com Swain, ir em desencontro com a heteronormatividade é um problema, pois não configura um desejo válido perante a sociedade:

[...] questionar a heterossexualidade é problemático: em vista da diferença física dos caracteres sexuais entre fêmea e macho e da força das representações sociais que exigem a correspondência exata gênero/sexo, a multiplicidade do desejo é obscurecida e sobretudo domesticada. (SWAIN, 2002, p. 5)

A personagem finge não ter aqueles sentimentos por Letícia e concretiza o ato sexual com Luís pouco tempo depois de tê-lo conhecido e, para sua surpresa, a experiência não lhe agrada. Podemos entender essa escolha como uma tentativa de reafirmar a heterossexualidade e uma negação dos seus desejos homoafetivos ou podemos compreender também, a partir de um pensamento culturalmente heterossexual, que a sua escolha parta de uma atribuição do ato sexual à penetração para que a virgindade “seja rompida” e a primeira vez aconteça:

No rádio não tocava 4 Non Blondes. A calcinha dela era bordô. Não comeram batata-frita. Ela nem teve tempo de tirar o sutiã. Tudo já tinha acabado. Concluiu que tudo antes tinha sido melhor do que o durante. Depois foi até o banheiro e notou que tinha a mesma cara de virgem. [...] Saiu do banheiro gostando muito mais de física do que antes e pediu para ir embora. (POLESSO, 2022, p. 38)

Existe uma quebra de expectativa da personagem. Ela esperava algo de especial nessa iniciação, algo ritualístico, prazeroso e significativo, mas o único sentimento que chega e

permanece é o da frustração, pois além de ter a “mesma cara de virgem”, não tinha sido bom. Estudar física era melhor. Depois do ocorrido começou a evitá-lo. No dia seguinte após a perda da virgindade, busca por Letícia, o que nos revela um entendimento da personagem de que não é Luís quem ela deseja. A primeira coisa que faz é ligar para Letícia para contar a verdade sobre a sua virgindade e desabafar sobre como foi a sua experiência de iniciação, porém durante a sua narração confessa os sentimentos de desejo mais uma vez pela colega, mas não é correspondida. Ao contrário, Letícia diz à personagem que ela não soube fazer e era normal ser assim, ruim.

Letícia, por sua vez, disse-lhe que primeiras vezes eram sempre daquele jeito e que talvez ela não tivesse feito direito e que talvez ela estivesse nervosa e que deveria tentar novamente. Não disse nada sobre lésbicas, novela, Linda Perry, nem sobre beijos em bocas vermelhas. (POLESSO, 2022, p. 38)

Apesar de não intencional, a fala de Letícia reproduz a ideia perniciosa, porém do senso comum, de que sexo possui uma relação íntima com a dor e/ou com o incômodo e, se o sexo não foi “bom”, a culpada é a mulher que não se esforçou ou não estava ali presente o suficiente. De acordo com o SWAIN (2000), dentro de um ideal heteronormativo, o sexo está atrelado ao prazer do homem, pois está “[...] a serviço da reprodução ou do prazer masculino. Estas são as imagens com as quais convivemos: a sujeição das mulheres à violência e à utilização de seus corpos, em nome da ordem, do natural, do divino, talvez.” (SWAIN, 2000, p. 81).

Após o ocorrido e por vergonha das coisas ditas, as duas evitaram se encontrar pela escola, mas na quinta-feira se esbarraram e não só negaram mais uma vez o acontecido como tudo parecia ter ocorrido há tempos.

Na quinta-feira as coisas pareciam longe, porque a vida funcionava assim aos dezessete anos, dentro de um tempo elástico que se adaptava aos humores e àquelas necessidades tão ingênuas. O tempo era bonito nas quintas-feiras, aos dezessete anos. E se encontraram. Ela não mencionou absolutamente nada sobre o telefonema, nem Letícia. (POLESSO, 2022, p.39).

Nesse trecho, a narradora exprime a facilidade com que as coisas vão se resolvendo, a intensidade da adolescência, a ingenuidade dos sentimentos e uma culpa que só se mostra presente ali por extensão de uma sociedade preconceituosa. Elas sabiam que sentiam algo além da amizade, pois se não houvesse não teriam tanto medo.

Chega à sexta-feira, mais uma festa da turma da escola. Se encontram, porém agora tudo é diferente. Letícia a puxa pela mão, leva-a para um carro e lá ela tem mais uma nova primeira vez.

Ela seguiu procurando não ser enganada por uma expectativa que seria apenas sua. Não tinham carro nem idade para dirigir. O Voyage não tinha rádio, portanto não tocava 4 Non Blondes. A calcinha de Letícia era roxa e tinha uma renda, a dela era cinza e o algodão estava esgarçado para além dos limites do bom senso. Nenhuma das duas teve tempo de tirar o sutiã. Foi tudo desajeitado, como são geralmente as primeiras vezes. (POLESSO, 2022, p. 39-40)

Dentro das suas expectativas e dos seus desejos, mais uma iniciação se concretiza. A experimentação dessa “outra sexualidade” faz com que a personagem realize seus desejos e rompa com os padrões sociais estabelecidos de uma sexualidade certa e outra errada. É a partir desse ato inesperado, agora muito mais ligado ao que de fato sente e deseja, que concretiza as suas verdadeiras vontades. O texto termina com as duas seguindo suas vidas normalmente. Letícia continua com o seu namorado e a protagonista passa na faculdade de física. O conto volta-se para a ótica da “primeira vez”, abrangendo a iniciação sexual entre as personagens. Não fica claro se para Letícia também o era, mas para a protagonista certamente sim

A protagonista passa pelo rito de iniciação sexual e é partir dele que, de forma simbólica, permite compreender melhor a si mesma na medida em que se permite sentir e explorar seu desejo por mulheres. É importante observar que não é colocado como uma “segunda vez” e sim, uma outra “primeira vez”, pois é uma outra experiência única, representativa e repleta de significados específicos para a personagem. A sua segunda relação sexual é também a sua primeira relação sexual, pois essa está agora fora dos padrões da sociedade. É um campo desconhecido onde ela precisa entender e explorar.

Ao longo do conto, Polesso aborda os temas da identidade, autodescoberta e a experimentação sexual. De forma singela, sem rótulos e sem alardes, a autora fala do momento de iniciação da sexualidade da protagonista e, aos poucos na narrativa, observamos ela compreendendo que os seus desejos escondidos não eram irrelevantes ou menos válidos. Apesar dos anseios, as formas como as situações acontecem e os mecanismos de realização são repletas de naturalidade, sem traumas ou epifanias mistificadoras. As "primeiras vezes" no conto se tornam momentos de transformação e amadurecimento, nos quais vemos as duas personagens terem um momento de realização do desejo e experimentações do corpo. Porém, para além disso, o conto é a narração do ponto de virada lésbico ou bissexual da personagem.

É o lugar onde ela se encontra – e isso se dá como uma experiência certamente vital, porém comum a todas as adolescentes.

4.2 AMORA

“Amora”, conto homônimo do livro, além de ser também o nome dado à personagem, é uma das poucas protagonistas nomeadas ao longo dos contos. É uma narrativa também em 3ª pessoa e se passa no fim da pré-adolescência, quando o conto inicia, mas que vai ao longo da narrativa despontando a passagem para a adolescência. Amora é uma enxadrista com um jeito “meio moleque” e se depara pela primeira vez com a paixão: “Ela se apaixonaria e isso mudaria tudo em sua vida” (POLESSO, 2022, p. 143). É a campeã de xadrez dos torneios infanto-juvenis nos últimos três anos, porém perderia o seu posto para sua nova paixão. Ela conhece Júnior nos jogos e sentiu à primeira vista e de forma inesperada os primeiros desejos desabrocharem em seu corpo.

(...)uma cócega no ventre a se espalhar. Quando subia, seu coração desalinava as batidas e os pelos da nuca se transformavam em alfinetes gelados; quando descia era fogo que bruxuleava, e lhe crepitavam sensações de primaveras úmidas e suores e molezas e flores. (POLESSO, 2022, p.143-144).

Embora a narrativa nos dê a sensação, em um primeiro momento, de ser Júnior a paixão de Amora, e de que é ele quem fará com que Amora perca o seu posto nos campeonatos, perceberemos que não, pois ela vencerá mais uma vez. No entanto, o certo é que toda sua vida muda a partir daquela aparente primeira paixão. Chega em casa feliz, conta tudo sobre o campeonato, mas sem mencioná-lo, guardando apenas para si todos os sentimentos. No dia seguinte, foi ao flíper com seus amigos meninos:

Sábado quase meio-dia, Alexandre e Felipe gritaram no portão de sua casa. Ela meteu a cabeça para fora da janela. Eles a convidavam aos berros. Vamos no flíper, pega a bike do Mateus e vem. Amora avisou os pais, pegou a bicicleta do irmão e, antes de sair, enrolou o cabelo para dentro do boné. Foram-se, três moleques. (POLESSO, 2022, p. 144)

Nesse momento percebemos uma visão da narradora sobre Amora, ela parecia um “moleque” pela forma com que se vestia e por andar com outros meninos. De forma sutil, a narradora expressa uma visão também da sociedade, pois as meninas que não se encaixam dentro do padrão de feminilidade são consideradas “moleques”, quando não consideradas “sapatonas”. Mais à frente da narrativa, vemos Amora encontrar por acaso com Júnior no flíper e disputarem uma luta de videogame. Amora joga com ele *Street Fighter* e o vence, mas

algo acontece e faz a personagem ter uma frustração avassaladora: “Amora sorria e pensava como ele podia ser tão bonito e tão ruim no jogo, ela fazia uma brincadeira sobre isso e o convidaria para tomar sorvete de tarde. Foi então que Júnior perguntou se Amora não tinha uma irmã que jogava xadrez.” (POLESSO, 2022, p. 144-145). Júnior de fato a confunde com um menino. Pela sua aparência não tão feminina, por talvez jogar “bem demais para uma garota”, e isso faz com que a personagem tenha sua primeira desilusão amorosa.

Judith Butler vai nos dizer que tal estranhamento se dá, pois, as identidades de gênero se constroem a partir de atos performativos, ou seja, ações e comportamentos que seguem normas e expectativas de gênero específicas. Nesse sentido, os atos performativos incluem, por exemplo, vestir-se adequadamente, falar e comportar-se de forma compatível com o esperado pelo seu gênero. É importante ressaltar que o gênero para Butler é uma construção feita pela sociedade e essa construção é imposta e reforçada com o intuito de restringir e controlar toda e qualquer possibilidade de identidades e expressões de gêneros que se diferem da norma.

[...] como estratégia de sobrevivência em sistemas compulsórios, o gênero é uma performance com consequências claramente punitivas. Os gêneros distintos são parte do que “humaniza” os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero. Os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos não haveria gênero algum, pois não há nenhuma “essência” que ele expresse ou exteriorize, nem tampouco um ideal objetivo ao qual aspire, bem como não é um dado de realidade. (BUTLER, 2020, p. 177)

Quando Júnior não reconhece Amora por não performar a feminilidade imposta às mulheres, vemos na narrativa como ele reproduz a lógica compulsória e binária de gêneros. Amora é colocada no lugar do não desejo masculino, já que não é feminina o suficiente para ocupá-lo. Desse modo, esse não reconhecimento gera marcas em Amora, pois a personagem entende que foi o fato de sua aparência parecer a de um “moleque” que fez Júnior não a reconhecesse e confundir-se.

Ao chegar em casa, despistou o pai e mãe e, como um cavalo em L, entrou no banheiro. Olhou-se no espelho. O boné, o cabelo preso, a camiseta de banda comprida demais lisa, rente ao corpo, sem os relevos que outras meninas de sua idade já tinham, a bermuda jeans rasgada, o joelho ostentando casca de ferida, os chinelos pretos emoldurando as unhas compridas, rachadas. Jogou o boné no chão e pensou que sem ele talvez Júnior a tivesse reconhecido. (POLESSO, 2022, p. 145)

Após a frustração com Júnior, ficou cética. Não acreditava mais no amor e nem mais em Júnior. Os sentimentos que outrora nutria pelo menino se dissiparam. Mas o tempo fez

com que o rito de passagem da pré-adolescência para o da adolescência se iniciasse. O corpo antes sem “relevos”, agora toma formas, contornos e curvas de “mulher”.

Durante oito meses, Amora não gostou de mais ninguém. A decepção de Júnior tinha lhe secado a alma. Desenhava caveiras e corações partidos em folhas de cadernos e contracapas de livros, Amora estava cética. Amora estava cética. Porém, naqueles oito meses, seu corpo, de torre reta, passava ao de rainha. Dois pequenos montes brotaram no seu peito, como que para proteger seu coração de menina-mulher que se transmutava. (POLESSO, 2022, p. 145)

As mudanças físicas são características muito marcantes do percurso de passagem entre a infância e a adolescência. É nela que o corpo muda, os interesses, as atrações, os desejos, as escolhas começam a se tornarem mais presentes e conflitantes. O início da fertilidade, advinda com a primeira menstruação, é um momento de celebração, mas de vigilância social. Agora ela é “moça”, agora ela é fértil e pode gerar. As responsabilidades e as cobranças sociais a respeito da virgindade começam a se tornarem presentes cotidianamente na vida das mulheres. Os homens, por sua vez, também passam por mudanças físicas, mas com eles chega uma maior liberdade sexual, juntamente com um incentivo para tal.

Amora agora era uma “menina-mulher”. Seu corpo mudava, mas ela também estava internamente em processo de mudança, por mais que não soubesse de forma clara. Ela volta a competir como sempre o fez, porém agora chama a atenção dos meninos à sua volta pelas mudanças físicas. Já não se importava com Júnior. O título que recorrentemente conquistava começa a ser ameaçado por Angélica, outra menina também campeã de jogos de outra cidade. As duas se enfrentam e a menina chama a atenção de Amora:

Amora e Angélica, mesa dois. Não ouviu o nome de Júnior, ele não estava na final. Seguiu, sentou e pensou em três movimentos iniciais. Ergueu a cabeça e viu Angélica. Bochechas vermelhas, como se ali dentro estivesse muito quente, tinha o braço esquerdo ao lado do tabuleiro e tamborilava impaciente com a ponta dos dedos, o outro braço ia enfiado entre as pernas, por baixo da mesa. Amora estendeu a mão direita para cumprimentá-la antes do início do jogo, medida de praxe, mas Angélica apenas baixou os olhos e estendeu a mesma mão que naquela hora mexia numa peça. Amora não gostou (POLESSO, 2022, p. 146)

Amora se surpreende com a atitude de Angélica. Não lhe agradou o desdém com que Angélica a trata, ou pelo menos é o que ela pensa em um primeiro momento. Angélica tem uma deficiência. Perdeu a mão em um acidente e, por isso, não a cumprimentou da forma esperada. Sem travessões ou aspas para indicar os diálogos, Polesso insere as falas das

personagens de forma direta e livre como se fizessem parte da própria voz da narradora. No entanto, fica clara a distinção das vozes dentro da narrativa quando são proferidas.

Angélica iniciou uma defesa Philidor, suave, estava inquieta na cadeira e, antes de executar seu décimo movimento, secou a testa com o outro braço que terminava arredondado na altura do pulso com uma cicatriz avermelhada, recente. Amora paralisou e, antes que pudesse evitar as palavras já tinham saído da sua boca. O que aconteceu com o seu braço? Perdi a mão num acidente, fui atropelada por uma kombi, minha mão virou uma panqueca, não teve como salvar. (POLESSO, 2022, p.147)

Surpresa pela revelação e impressionada pela mão de Angélica, Amora perde o jogo, mas ganha uma paixão. Durante a tarde se aproximam. Amora estava magnetizada pela falta da mão de Angélica. A deficiência de Angélica é o que chama a atenção de Amora, em um primeiro momento, e é também através dela que o encantamento entre as personagens é despertado e germinado. É interessante observar como a autora coloca o aspecto da deficiência de Angélica dentro da narrativa de forma natural, como de fato o deveria ser na sociedade. Assim, como um gesto simbólico, Angélica pergunta se não quer tocá-la.

Angélica segurava o braço com a outra mão, Amora tentava não desviar o olhar, mas aquela era uma cena magnetizante. É engraçado, né? Quer tocar? Quero. Amora tocou a cicatriz com a ponta dos dedos. Ainda sinto a minha mão, sabia? Como ainda sente? Não sei. Dizem que é normal sentir. É engraçado, parece que você está pegando nela. **Amora pensou naquilo. Achou estranho e ao mesmo tempo bonito que estivessem de mão dadas. Amora sentiu que a pedra de carvão avermelhava seu ventre numa mistura de excitação e embaraço. Angélica lhe sorriu e ajeitou uma mecha do cabelo de Amora. Ela suspirou. Amora sabia o que era aquilo, mas não entendeu como podia ser.** (POLESSO, 2022, p. 147)

Amora começa a experienciar algo novo. Um desejo inexplicável, não entende como é possível sentir isso por Angélica, apesar de entender o que era, pois já havia sentido antes por Júnior, mas ser alguém do mesmo sexo provoca um certo estranhamento. As pessoas não são ensinadas e não estão inseridas em uma cultura que valoriza as diferentes formas do amor, ao contrário, recriminam e punem aqueles que não possuem desejos, comportamentos e a sexualidade de acordo com o padrão de heteronormatividade.

Quando Amora voltou para casa, o assunto era Angélica. E seria daquele momento em diante:

Nada de movimentos e xeques-mates. Seu assunto era Angélica. Queria encontrá-la novamente, compartilhar conversas, queria saber mais sobre sua vida e acidente e como foi a recuperação, queria mais de Angélica. Tinha um pouco do seu perfume impregnado no nariz e sentia arrepiar-se por dentro. Enquanto contava, deu-se conta de que, naquele curto tempo, já amava Angélica (POLESSO, 2022, p. 148)

Mais uma vez Polesso retrata com naturalidade o desejo e a iniciação homoafetiva. As personagens são retratadas com a inocência, a delicadeza e a intensidade do início da adolescência. O conto narra a experimentação de novos amores e a consciência de si se relacionando com esse novo sentimento. “Ambas sentiam todas aquelas coisas que não teriam nomes, todos aqueles movimentos dentro. Até que Angélica disse: Amora, eu te amo.” (POLESSO, 2022, p. 148).

A representação amorosa das duas meninas não é apenas o processo de iniciação da sua sexualidade, mas também de sua vida afetiva. As próprias personagens levam o surgimento desses sentimentos com leveza, não se prendendo a nomenclaturas e, no caso de Amora, ao próprio estranhamento que em um primeiro momento passa em sua cabeça. Como diz Angélica, Amora que era “quase toda amor” de nome e de atos, alçando-se a novas formas de amar e desejar sem limitações para o seu afeto, “Segurando a mão imaginária de Angélica” (POLESSO, 2022, p. 148).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos "Primeiras vezes" e "Amora", presentes no livro *Amora* (2015), de Natalia Borges Polesso, abordam temas relacionados à descoberta da identidade e da sexualidade, bem como os primeiros momentos de experimentação e iniciação na vida das personagens. Ambos os contos retratam momentos de transformação e amadurecimento, nos quais as protagonistas enfrentam suas próprias angústias, desejos reprimidos e expectativas sociais. Polesso representa os inícios amorosos, as descobertas, as paixões, fugindo dos engendramentos heteronormativos, já que esses estão predominantemente mais do que representados dentro da literatura e das artes em geral.

Natalia Borges Polesso, nos contos explorados, revisita os ritos de iniciação e os desejos que surgem nesse período da vida: a adolescência. Através de uma prosa intimista e simples, expressa aspectos das relações de afetividade entre as mulheres. Vemos nas nuances entre o primeiro e o segundo conto as formas como as personagens encaram este processo de descoberta. A primeira personagem enfrenta uma maior dificuldade para entender e validar o que sente, por preconceitos exteriores de uma sociedade heteronormativa que impõem as relações homem e mulher como um padrão de como se comportar, sentir, amar, desejar e ser. Já a segunda protagonista revela como a curiosidade ingênua, porém genuína, sobre o outro pode despertar novas formas de amar e sentir.

Em ambos os contos, a autora aborda a importância das "primeiras vezes" como momentos de autodescoberta, amadurecimento e transformação. São narrativas que retratam a busca por identidade e a aceitação de desejos e sentimentos que muitas vezes são reprimidos ou negados pela sociedade. A autora aborda essas temáticas com sensibilidade, explorando as nuances das experiências individuais das personagens e proporcionando reflexões sobre a diversidade e a complexidade das vivências humanas.

Sendo uma mulher lésbica, Polesso parte desse lugar que ocupa e, através dele, é capaz de retratar as formas de amor entre as personagens com muito mais realismo e naturalidade, baseando-se no cotidiano e na vida comum de mulheres que amam mulheres. Não é o relacionamento delas o que constrói as narrativas, mas sim como elas se relacionam entre si, consigo mesmas e com o mundo. O ponto focal dos contos é como o amor pode aparecer de forma repentina, ao acaso e ser algo agregador de importantes experiências de amadurecimento.

É importante lembrar que as vivências sáficas, por sua vez, são nos contos analisados exclusivas da infância e da adolescência, mas os ritos de iniciação não se limitam a isso. Apesar de serem mais característicos da juventude, eles não são exclusivos desse momento, já que, tratando-se das relações homoafetivas, a iniciação sexual e a sexualidade em si podem ser algo mais tardio, tendo em vista que vivemos em uma sociedade que promove a anti-naturalização das relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo.

Ao final da leitura desses contos, fica nítida a importância de aceitar e celebrar nossas próprias experiências, sejam elas quais forem, e reconhecer a variedade de caminhos e possibilidades que existem na jornada de descoberta de cada indivíduo. “Primeiras vezes” e “Amora” são contos que nos instigam a refletir sobre a importância do respeito à diversidade, da aceitação de si mesmo e do entendimento de que a busca pela identidade e pela felicidade é um processo contínuo, gradual e singular.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARNETT, J.J. (2001). Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence through midlife. *Journal of Adult Development*, 8(2), 133-143.

ANDRADE, C. Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações. **Análise Psicológica**, Lisboa, n. 2, p. 255-267, 2010. Disponível em: https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/6145/1/2010_28%282%29_255.pdf. Acesso em 14 de junho de 2023.

BORYSOW, V.; ARNÉS, L. Ficções lésbicas: ponto de vista e contingências. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, n. 20, p. 169-191, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/145408/139447>. Acesso em 14 de junho de 2023.

BRÊTAS, J. R. S. et al. Os rituais de passagem segundo adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 21, no 3, p. 404-411, 2008.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CRUZ, D. F. **La virginité féminine, mythes, fantasmés, émancipation**. Paris: Odile Jacob, 2012.

DALCASTAGNÈ, R. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de hoje**, v. 42, n. 4, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4110/3112>. Acesso em 14 de junho de 2023.

ERIKSON, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise* (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1968).

FIGUEIREDO, E. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. **Revista Criação & Crítica**, n. 20, p. 40-55, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138143/139436>. Acesso em 14 de junho de 2023.

KNIBIEHLER, Y. **História da virgindade**. . São Paulo: Editora Contexto, 2016.

LAMAS, B. S. & Rech, T. (1999). O simbolismo do rito de passagem em uma mudança vital. *Psico (Porto Alegre)*, 30(2), 143-162.

LESSA, P. O Feminismo Lesbiano e Monique Wittig. **Revista Ártemis**, n. 7, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2154>. Acesso em 1 maio. 2023.

LESSA, P. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (Brasil, 1979-2006)**. 2007. 261 f. Dissertação (Mestrado em História) — Programa de Pós-graduação em História,

Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3411>

PAIS, J. M. (2009). A juventude como fase de vida: Dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde e Sociedade**, 18(3), 371-381.

PINSKY, Carla Bassanezi. Resenhas. **Rev. Estud. Fem**, v. 24, no 3, set-dez. . **24 (3). Sep-Dec** 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p1015>. Acesso em 21 de junho de 2023.

POLESSO, N. B. Geografias lésbicas: literatura e gênero. **Revista Criação & Crítica**, n. 20, p. 3-19, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138653/139437>. Acesso em 14 de junho de 2023.

POLESSO, N. B. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, DF, 2020, n. 61, p. 9-14, nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/35241>. Acesso em 14 de junho de 2023.

POLESSO, N. B.. **Amora**. 2ª edição. Porto Alegre: Dublinense, 2022.

RANGEL, L. H. Da infância ao amadurecimento: uma reflexão sobre rituais de iniciação. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 3, p. 147-152, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/1999.v3n5/147-152>. Acesso em 14 de junho de 2023.

ROGOFF, B. (2005). A natureza cultural do desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória. **Revista Bagoas - Estudos Gays: gêneros e sexualidades**, Natal, v. 4, n. 5, p. 1-15, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742>. Acesso em: 24 abr. 2023.

SANTOS, Rick. Cassandra Rios e o surgimento da literatura gay e lésbica no Brasil. **Revista Gênero**, v. 4, n. 1, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31019/18108>. Acesso em 14 de junho de 2023.

SOARES, G. S.; COSTA, J. C. Movimento lésbico e Movimento feminista no Brasil: recuperando encontros e desencontros. **Labrys-Estudos Feministas**, v. 20, p. 21, 2012. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-populacao-lgbt/artigos_teses_dissertacoes/movimento_lesbico_e_movimento_feminista_no_brasil_recuperando_encontros_e_desencontros_1.pdf. Acesso em 14 de junho de 2023.

SOUZA, L. K.; MCCARTHY, S. N. Ritos de passagem da adolescência à vida adulta: diferenças etárias e de gênero. Gerais, **Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de fora, v. 3, n. 2, p. 124-135, dez. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198382202010000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 14 junho 2023.

SCOTT, R. P. (2001). Quase adulta, quase velha: Por que antecipar as fases do ciclo vital? *Interface: Comunicação, Saúde e Educação*, 8, 61-72.

SWAIN, T. N. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. **cadernos pagu**, v. 12, p. 109-120, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634809/2728>. Acesso em 14 de junho de 2023

SWAIN, T. N. _____ . O Feminismo e o lesbianismo: quais os desafios. **Labrys**, v. 1, n. 2, 2002. Disponível em: https://www.labrys.net.br/labrys1_2/femles.html. Acesso em: 14 de junho de 2023.

SWAIN, T. N. **O Que é Lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

WITTIG, M. **O pensamento hétero**. Ensaio, 1980. Disponível em: https://we.riseup.net/assets/162603/Wittig,%20Monique%20O%20pensamento%20Hetero_pdf.pdf. Acesso em: 14 de junho de 2023.

WITTIG, M. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Tradução de Maíra Mendes Galvão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022

WOOLF, V. **Mulheres e ficção**. Tradução de Leonardo Fróes. 1ª ed. São Paulo: Editora Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.